

O Mundo é Plano

Uma história breve do século XXI

Thomas L. Friedman

Este livro apresenta um panorama totalmente diferente daquele a que estamos habituados. Como é dito por João César das Neves no prefácio da obra, “O livro que tem nas mãos pertence a um género raro. Trata-se de uma obra que se ocupa da globalização...mas que não diz mal dela!”. Esta história Breve do Século XXI, é tão completa que, para além de englobar essa área, enche-nos de vários conceitos económicos, políticos, etc.



Thomas L. Friedman - Mestrado em Estudos do Médio Oriente em St. Antonu's College, Oxford University.

Vencedor de três prémios Pulitzer Prize pelo seu trabalho enquanto jornalista do “The New York Times”, onde é comentador de política internacional.

Crítica Literária

O Mundo é Plano

Uma História Breve do Século XXI

(The World Is Flat: A Brief History of the Twenty-First Century)

FRIEDMAN, L. Thomas

Actual Editora© 2006, 520páginas

Categoria: Gestão/Estratégia

O que irá aprender:

1. Porque é que o Mundo é Plano?
2. O que é a Tripla Convergência?
3. O papel dos EUA num Mundo Plano.
4. O papel dos países em desenvolvimento num Mundo Plano.
5. O papel das empresas num Mundo Plano.
6. O papel da geopolítica num Mundo Plano.

Principais ideias:

1. Mundo tornou-se plano muito devido a Dez Grandes Acontecimentos, que se complementam entre si, juntamente com uma Tripla Convergência.
2. A política de comércio livre deve ser adaptada para que possa sobreviver no mundo plano.
3. O Mundo Plano vai dar origem a novos trabalhos, para novos trabalhadores.
4. Conceitos como outsourcingvão ser muito ouvidos e usados num mundo plano.
5. A cooperação, colaboração, solidariedade entre empresas, sociedades e indivíduos vão ser cruciais para que o mundo plano sobreviva.
6. A imaginação, para fins positivos, é outro aspeto fulcral para o mundo plano.

Introdução

O Mundo é Plano –Uma História Breve do Século XXI é uma das grandes obras de Thomas Friedman.

Depois de se licenciar em estudos Mediterrânicos e do Médio Oriente, T. Friedman partiu para Londres, onde trabalhou e conheceu a futura mulher e mãe das suas filhas. Com ela, entre 1979 e 1981, foi para Beirute onde fez a cobertura da Guerra Civil. Em maio de 1981 foi-lhe oferecido um cargo no New York Times. No ano seguinte voltou para o Médio Oriente, desta vez para seguir as invasões israelitas ao Líbano e consequentes acontecimentos. Em 84, seguiu para Jerusalém onde acabaram por nascer as suas filhas.

Se tentássemos aqui expor todo o trabalho de Friedman enquanto jornalista e repórter, provavelmente encheríamos páginas e páginas. Por isso, uma boa forma de mostrar como foi e ainda é de extrema importância o trabalho deste americano, digamos apenas que a sua obra já lhe rendeu três Prémios Pulitzer¹, em 1982, 1988 e 2002. Em 2004, recebeu o prémio Overseas Press Club², pelo seu trabalho completo e recebeu das mãos da Rainha Elizabeth II o título Honorário da Ordem do Império Britânico. Em 2009, recebeu o prémio National Press Club³. Para além de jornalista, é autor de seis livros que se tornaram bestsellers e foram traduzidos em diversas línguas:

1. From Beirut to Jerusalem, 1989;
2. The Lexus and the Olive Tree, 1999;
3. Longitudes and Attitudes –Exploring the World After September 11, 2002;
4. The World Is Flat –A Brief History of the Twenty-first Century, 2005 (versão original da obra aqui estudada);
5. Hot, Flat, and Crowded –Why We Need a Green Revolution –And How it Can Renew America, 2008;
6. That Used To Be Us –How America Fell Behind in the World It Invented and How We Can Come Back, 2011.

Foi, também, autor de seis documentários, que produziu com o New York Times em parceria com o Discovery Channel, como o Straddling the Fence(2003), The Other Side of Outsourcing(2004), ou Green: The New, Red, White and Blue(2007).

Prémio Pulitzer é um prémio americano que distingue, anualmente, trabalhos nas áreas do jornalismo e artes.

O Prémio Overseas Press Club teve início em Nova Iorque, em 1939. Premeia o trabalho jornalístico, desde a fotografia à reportagem.

Existente desde 1908, o National Press Club é, como os outros já aqui referidos, um clube que premeia, anualmente, os jornalistas.

Revisão de Conteúdos

Sendo uma obra de cariz histórico, é tão completa que, para além de englobar essa área, enche-nos de vários conceitos económicos, políticos, etc..

Thomas Friedman em O Mundo é Plano apresenta um panorama totalmente diferente daquele a que estamos habituados. Como é dito por João César das Neves⁴ no prefácio da obra, “O livro que tem nas mãos pertence a um género raro. Trata-se de uma obra que se ocupa da globalização...mas que não diz mal dela!”

De entre os vários conceitos que o autor explora ao longo desta obra, podemos encontrar:

- Globalização;
- Capitalismo;
- Comunismo;
- Tripla Convergência;
- Mundo Plano;
- Outsourcing;
- Homesourcing;
- Entre tantos outros

No entanto, parece-me mais pertinente expor aqui não a definição destes, mas sim apenas referi-los. Isto por dois grandes motivos. O primeiro prende-se com o facto de serem conceitos que estão muito presentes no nosso dia-a-dia; fazem parte da chamada “cultura geral”. Segundo, outros dos conceitos são definidos detalhadamente no decorrer desta crítica, inseridos no contexto de cada capítulo. Sendo uma obra de fácil leitura, não lhe serão apresentados obstáculos, com certeza, à compreensão de cada um destes conceitos.”

Este ensaio sobre a lucidez do pensamento contemporâneo é um documento que aborda questões sociais e políticas relacionadas com a 'legalidade' da transferência de informação, os seus custos e as suas vantagens e desvantagens. Se um americano pode estar sentado no seu automóvel em Chicago e pedir um hambúrguer a um operador sentado a uma secretária na China, isso representa, de facto, a economia no seu estado mais 'puro'.

Professor da Faculdade de Ciências Económicas e Empresariais da Universidade Católica e autor do Prefácio da edição portuguesa da obra aqui em estudo.

<http://www.wook.pt/ficha/o-mundo-e-plano/a/id/173647>, janeiro 2006

Parte I – Como o mundo se tornou plano

A primeira parte da obra de Thomas Friedman está dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo começa por relatar a viagem do colunista do New York Times a Bangalore, “o Silicon Valley da Índia”. O autor faz uma analogia da sua viagem com a de Cristóvão Colombo. Se o navegador do século XV partiu em busca da Índia e descobriu a América, Friedman chegou, de facto, à Índia, mais precisamente a Bangalore onde efetuou as suas pesquisas, mas pensou que estava na América. Se Colombo pretendia descobrir as fontes de riqueza da altura (sedas, especiarias, etc.), Friedman pretendia, por seu lado, descobrir quem eram aqueles que estavam a tornar-se os maiores parceiros de outsourcing tecnológicos dos Estados Unidos da América e de outros tantos países industrializados. Foi nesta viagem que Thomas Friedman percebeu que o mundo se estava a tornar plano –“(…) países como a Índia estão actualmente mais aptos do que nunca para competirem globalmente pela produção do conhecimento –e que é melhor os Estados Unidos estarem preparados para isso.” O que é facto é que, tal como Friedman descobriu na Índia, hoje em dia, os recursos (sejam eles tecnológicos ou outros) chegam a qualquer parte do mundo de forma quase homogénea. Isto permite que, quer na Índia, quer nos Estados Unidos, quer na China, se desenvolva o mesmo trabalho, com o mesmo desempenho e rapidez –“Isso é o tema deste livro.” Após esta introdução o autor afirma que, apesar de ser uma situação que pode trazer muitas vantagens a tudo e todos, há que ter em atenção que pode, também, tornar-se muito perigosa, já que a globalização e a evolução tecnológica chegam, de igual forma, aos grupos terroristas.

O autor divide a história da globalização em três grandes períodos:

1. 1492-1800 – O início deste período é marcado pelas viagens de Colombo (apesar de não ser referido por Friedman, há que não esquecer o trabalho dos navegadores portugueses) até ao final do século XVIII. Foi uma época de grandes descobertas e avanços, tanto a nível geográfico como científico e o mundo passou de um imenso território desconhecido para um não assim tão grande e conhecido por “todos”. O autor chama a este período “Globalização 1.0”, em que o global foi conquistado muito pela mão das forças religiosas e imperialistas;

In FRIEDMAN, L. Thomas, O Mundo é Plano – Uma História Breve do Século XXI, Actual Editora, 2006, p. 14.

Cristóvão Colombo (1451-1506) foi um navegador, natural de Génova que, ao serviço dos Reis Católicos de Espanha, atingiu o continente americano (o “mundo novo”), em 1492.

*In*FRIEDMAN, L. Thomas, *O Mundo é Plano –Uma História Breve do Século XXI*, Actual Editora, 2006, p. 17. *Notar que as notas de rodapé referentes a esta obra seguem o antigo acordo ortográfico, visto que esta foi publicada antes da implementação do novo acordo.*

2. 1800-2000 – Este período, denominado de “Globalização 2.0”, foi fortemente marcado pelos grandes acontecimentos económicos, políticos e bélicos do século XX, nomeadamente a I Guerra Mundial (1914-1918), a Grande Depressão (Crash da Bolsa de Wall Street, em outubro de 1929), a II Guerra Mundial (1939-1945) e ainda a Guerra Fria, que se arrastou até à década de 90, entre outros. Se a primeira metade deste período foi, em grande parte, marcada pela evolução a nível industrial e tecnológico, já que foi a época da Revolução Industrial, da invenção das máquinas a vapor, dos meios de transporte sobre carris, etc., também a segunda foi pela invenção do telefone, fibra ótica, computadores, pela ida do homem à lua, entre tantas outras que poderíamos encher páginas desta crítica apenas com elas. A nível da globalização, esta foi mais visível a nível económico, em grande parte devido às empresas multinacionais. A globalização das empresas foi a grande protagonista desta fase;
3. 2000-... – “Globalização 3.0” é o período em que nos encontramos. Tal como foi referido anteriormente, um indivíduo não precisa de um espaço físico específico para desempenhar determinada função, uma vez que nos encontramos na Era da “aldeia global”. A Internet e a World Wide Web ligam-nos a todos como se fizessemos parte da mesma família. O jornalista dá, de seguida, exemplos de como muito do trabalho que pensava ser feito nos E.U.A. o é, afinal, feito na Índia. Fala do caso da contabilidade, visto que tem contacto com indivíduos cujo trabalho é preencher declarações de impostos de cidadãos americanos. Este é apenas um dos casos de trabalho outsourcing. Segundo o autor, este fenómeno vai aumentar exponencialmente nos próximos anos pois, no caso da Índia, há muitos técnicos especialistas no trabalho das finanças e eletrónico e a mão-de-obra é, consideravelmente, mais barata.

Depois da Índia, Thomas Friedman visita o Japão. Segundo ele, o Japão viu na China um poço de oportunidades, sendo a cidade costeira de Dalian a preferida pelos nipónicos. Dalian foi a cidade escolhida por muitas empresas de processamento de dados para se sediarem. É uma cidade altamente desenvolvida tecnologicamente, com mais de duas centenas de universidades e onde operam diversas empresas internacionalmente bem-sucedidas, como a Sony ou a Dell. Num país altamente marcado pelo comunismo e totalitarismo vermelho que remonta ainda ao líder Mao Tse-tung, esta cidade preza pelo gosto e curiosidade pelo conhecimento e parece “ter esquecido” o domínio nipónico que assolou o país. Posto isto, T. Friedman apresenta-nos um novo conceito, o de homesourcing. Entende-se por homesourcing como o trabalho feito a partir de casa. Isto é, se o outsourcing consiste, por exemplo, numa empresa americana que tem funcionários diretos a trabalhar na Índia, digamos então que homesourcing será essa mesma empresa americana com funcionários a trabalhar a partir das suas casas. No entanto, “(...) o homesourcing e o outsourcing não são estratégias assim tão concorrentes, uma vez que são diferentes manifestações da

mesma realidade: uma necessidade implacável das empresas norte-americanas reduzirem os seus custos e aumentarem a eficiência onde quer que isso as possa levar.”

Em jeito de conclusão, Friedman disserta sobre a passagem da era da Globalização 2.0 para a 3.0, dizendo que a grande diferença que separa esta última era das outras duas que a antecederam é que se, por exemplo, a invenção da Imprensa por Gutenberg ou a Revolução Industrial afetaram apenas algumas parcelas do mundo, a evolução e difusão de todo o tipo de informação, atualmente, é feita quase em real time e chega em simultâneo aos quatro cantos deste mundo plano.

Com uma analogia bíblica, Os Dez Mandamentos, Friedman começa o segundo capítulo explicando que, ao contrário do que aconteceu com a criação do Mundo¹⁴, o mundo plano demorou muito mais tempo a ser criado. Aqui, serão expostos os Dez Acontecimentos que lhe deram origem:

1. 9/11/1989 – Quando se derrubaram muros e construíram janelas: O primeiro momento que levou à criação do mundo plano como o conhecemos foi, sem dúvida, a queda do Muro de Berlim. Como é do conhecimento geral, e de forma resumida e muito simplificada, o Muro de Berlim foi construído com o propósito de separar a cidade e, conseqüentemente o mundo, sendo o leste pertencente às forças da ex-União Soviética. A sua queda, em 1989, teve uma enorme importância, na medida em que intensificou o processo de separação dos países que formavam a URSS e, para além disso, fez com que a força económica a ser seguida fosse o capitalismo, em detrimento do regime socialista. Assim, se pensava que a queda do Muro tinha apenas tido um significado para os alemães e russos (soviéticos), engana-se.

Mao Tse-tung (1893-1976) foi um político, comunista e revolucionário chinês. Foi ele o líder da Revolução Chinesa e criador da República Popular da China, tendo-a governado de 1949 até à sua morte.

In Los Angeles Times, 9 de maio de 2004.

O primeiro livro a ser publicado foi a Bíblia em 1455.

Segundo a Bíblia, o Mundo foi criado em seis dias, tendo o sétimo servido para descansar. “Foram assim terminados os céus e a terra e todo o seu conjunto. Concluída, no sétimo dia, toda a obra que havia feito, Deus repousou, no sétimo dia, do trabalho por Ele realizado. Abençoou o sétimo dia e santificou-o, visto ter sido nesse dia que Deus repousou de toda a obra da criação. Esta é a origem e a história da criação dos céus e da Terra” – In Bíblia Sagrada. Versão dos textos originais. 9ª Edição. Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos). Lisboa: 1981. Antigo Testamento. Génesis 2, pp 18 e 19.

Durante os anos da Guerra Fria (1945-1991, quando a URSS foi totalmente desintegrada), o mundo estava basicamente dividido entre capitalismo e socialismo, o seu país ora escolhia um regime ora outro. Esta situação fez com que muitos países do Oriente se fechassem de tal forma que apenas conheciam aquele modo de vida e nada mais. A Índia foi um desses casos. Só a partir de 1991, e com o país a atingir a bancarrota, é que o governo indiano decidiu abrir portas e ver para além das paredes orientais. A queda do Muro permitiu, também, que tanto do ocidente como do oriente se comesçassem a criar padrões de comportamento, estilo, etc.. A difusão de conhecimento foi outra das beneficiadas com o fim da separação Este/Oeste visto que, com as portas abertas, a partilha é mais fácil, rápida e eficaz. Esta difusão de informação foi, segundo o autor, uma das maiores vantagens da queda do Muro de Berlim. No entanto, houve algo ainda antes de 1989, que intensificou esse caso: o aparecimento do primeiro computador Apple II, em 1977 e do primeiro PC (Personal Computer) da IBM, em 1981. O primeiro Windows chegou em 1985 e a partir daí houve um desenvolvimento constante em termos tecnológicos e informáticos – “O aparecimento do PC Windows, em conjunto com a queda do muro, pôs em marcha o processo global que tornou o mundo mais plano.”¹⁵ Foi também nas décadas de 80 e 90 do século passado que surgiram as redes de informação global, isto é, começou a ser possível a ligação entre PC, telefone, fax, etc.. Isto fez com que a informação chegasse a qualquer lado, a qualquer hora e a qualquer indivíduo. A última referência deste acontecimento feita pelo autor é a Osama bin Laden;

2. 9/8/1985 – A nova era da conectividade: quando a rede se tornou global e a Netscape passou a ser cotada em bolsa: Após o acontecimento mágico de ter sido tornada possível a produção de conteúdos digitais, faltava qualquer coisa para que a era da globalização avançasse. Essa falta foi colmatada pela emergência da Internet, o aparecimento da World Wide Web e a propagação dos browsers da Internet. “Esta súbita revolução ao nível da conectividade impulsionou grandemente o processo de tornar o mundo plano.” A World Wide Web foi concebida pelo cientista informático britânico Tim Berners-Lee, no seu tempo de consultor na CERN (Organização Europeia de Pesquisa Nuclear, na Suíça). O primeiro site que foi colocado online surgiu em 1991. Foi também Lee o criador da linguagem, então de excelência, da Web, HTML e do HTTP, “O protocolo utilizado para transmitir páginas através da Internet.”

In FRIEDMAN, L. Thomas, O Mundo é Plano – Uma História Breve do Século XXI, Actual Editora, 2006, p. 59.

Osama bin Laden (1957-2011) foi o líder e criador da organização Al-Qaeda, a organização acusada de vários ataques terroristas, como o 11 de setembro de 2001, em Nova Iorque. Para mais informações sobre esta matéria, consultar <http://pt.scribd.com/doc/58724569/76/A-HISTORIA-DA-JIHAD-AFEGA>

In FRIEDMAN, L. Thomas, O Mundo é Plano – Uma História Breve do Século XXI, Actual Editora, 2006, p. 63

A propagação e comercialização dos browsers deu-se a partir da empresa Netscape, que passou a ser cotada em bolsa em 1995. A este acontecimento seguiu-se o aparecimento do Windows 95, também fulcral para este desenvolvimento, já que foi o sistema operativo mais utilizado do mundo. Todos estes desenvolvimentos conjugados levaram à grande difusão de conteúdos digitais quer fossem texto, música, vídeo, etc., bem como ao despoletamento das dot-com. Todos eles conjugados deram origem a uma comunidade global de comunicação e interação sem igual no planeta;

3. Software de sistematização dos fluxos de trabalho: o autor começa por explicar este acontecimento dando o exemplo de uma empresa de estúdios de animação, que divide o seu trabalho entre Nova Iorque, Los Angeles, São Francisco e Bangalore, entre outras cidades. O facto de criar esta divisão permite-lhe que o trabalho seja feito mais rápida e eficazmente. Claro que este acontecimento se desenvolveu muito mais com o aparecimento da Web, Internet e com a abertura de economias e mercados. A utilização do telefone, fax e, posteriormente, do correio eletrónico foram, também, uma grande ajuda para o desenvolvimento deste fluxo sistemático de trabalho. Este acontecimento é mais útil e eficaz ainda a partir do momento em que as empresas que colaboram entre si começam a utilizar o mesmo sistema de hardware e software. Houve duas inovações que contribuíram ainda mais para o bom uso desta troca de informações – a criação do protocolo de padrões técnicos para a transferência de correio eletrónico, SMTP e a criação de uma outra linguagem Web (que complementava a HTTP e a HTML) na transmissão de dados (para além de texto, também páginas, outros documentos, etc.), o TCP/IP que funcionava como um meio de transporte dos seus dados por toda a Web.
4. Uploading –Aproveitar o poder das comunidades: este acontecimento prende-se com o aparecimento de uma plataforma que permitia, para além da possibilidade de carregar conteúdos para a Web– o upload, descarregar outros conteúdos da mesma, o download. O autor indica que o desenvolvimento de plataformas de uploading fez com que o mundo empresarial se começasse a tornar muito mais horizontal, a nível hierárquico: “Está a espalhar-se porque a plataforma que tornou o mundo plano, que o torna possível, se está igualmente a espalhar e porque o uploading satisfaz uma necessidade humana muito profunda de participar e fazer-se ouvir.

In FRIEDMAN, L. Thomas, O Mundo é Plano –Uma História Breve do Século XXI, Actual Editora, 2006, p. 65.

Empresas de comercialização eletrónica.

Simple Mail Transfer Protocol / Transmission Control Protocol/Internet Protocol

Friedman concentra-se em três grandes ferramentas de uploading conhecidas por todos nós:

- a) o software desenvolvido em comunidade—é mais conhecida como open-source, ou seja, código aberto, é como uma rede comunitária aberta, para a qual todos os que dela participam contribuem.
 - b) a Wikipédia – é uma espécie de enciclopédia online, livre, onde todos podemos acrescentar conteúdos a uma página já existente ou, até mesmo, criar uma nova página. Tem como intuito disponibilizar, gratuita e rapidamente, informações sobre qualquer assunto. É, então, necessário que haja, por parte do utilizador da Wikipédia, um sentido crítico e atenção pois, por vezes, nem todos os conteúdos estão corretos.
 - c) o blogging/podcasting – prendem-se, como todos sabemos, em canais livres ou privados onde qualquer pessoa pode escrever a sua opinião sobre algo, publicar textos, partilhar livros, músicas, vídeos, imagens, etc., com quem quiser, permitindo, ou não, que outros façam o download dos seus conteúdos. Podcasting é como que uma versão áudio dos blogues.
5. Outsourcing – Y2K: aqui o autor começa por falar de uma troca “comercial” que acaba por beneficiar quem compra em segunda mão. Explicando melhor, quando surgiram os cabos de fibra ótica, os primeiros a apostar neles foram os norte-americanos mas, com toda uma conjuntura económica a desmoronar-se, o produto acabou por perder valor e os americanos ficaram apenas com um stock de algo que não lhes iria servir de grande coisa. A Índia aproveitou e comprou-os, a um preço quase nulo. Outro exemplo, neste caso em que a situação foi inversa, prende-se com a “compra e venda” de estudantes indianos. Não, não falo de escravatura. A Índia apercebeu-se que o conhecimento intelectual era fundamental para a sua sobrevivência enquanto país que quer entrar no mundo plano. Então, apostou no ensino de engenharias, ciências, economias, etc., dos jovens indianos que seguiam depois viagem para os Estados Unidos. O outsourcing, como irá ser muitas vezes referenciado nesta crítica, veio dar ainda mais vantagem a esta situação, visto que permitiu aos jovens indianos estudar, formar-se e trabalhar para grandes empresas, quer fossem indianas ou americanas, sem ter que deixar o seu país. O facto de a Índia ter desenvolvido institutos e técnicos de grande qualidade fez com que se tornasse “heroína” ao resolver uma crise do final da década de 90 –a crise do bugdo milénio (Y2K23). Este acontecimento foi o principal elo de ligação entre os E.U.A. e a Índia, que deu origem aos enormes níveis de outsourcing entre os dois países que permanecem ativos ainda hoje.
6. Offshoring – Correndo com as gazelas, comendo com os leões: Esta analogia é feita pelo autor para descrever a entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC), em dezembro de 2001. Esta frase remete-nos para um provérbio africano e o que Friedman pretende dizer com ele é que, a partir do momento em que a China aceita fazer parte de uma organização mundial, seguindo as mesmas regras, ou seja, tornando o seu “mundo” mais plano, todo o resto do mundo pertencente a essa organização tem que correr para acompanhar, ou correrá o risco de ficar

para trás, bem como a China tem que correr para que se consiga manter apta neste jogo que é o mundo plano. Deste acontecimento surgiu o conceito de offshoring, que significa que uma empresa desloca a sua “central de produção”, na íntegra, para o estrangeiro. As vantagens são que produz o mesmo tipo de produtos reduzindo os custos com mão-de-obra, impostos, despesas de energia, saúde, etc.. A China, por toda a sua história política e características, passou a ser vista então como um novo espaço de oportunidades, um novo cliente para o Ocidente sem nunca deixar, no entanto, de ser vista como uma ameaça.

7. Encadeamento do Abastecimento – Comer sushi no Arkansas: este acontecimento prende-se com o surgimento de um conceito que o autor chama de “supply chaining”, ou seja, cadeia de abastecimento – “Trata-se de um método de colaboração horizontal – entre fornecedores, retalhistas e clientes – destinado a criar valor.” Este conceito, segundo o autor e utilizando o exemplo da cadeia Wal-Mart, foi um dos grandes impulsionadores do mundo plano ao mesmo tempo que se torna possível devido à existência do mesmo. Fazer com que estas cadeias funcionem ao mais alto nível é uma tarefa extremamente complicada e, simultaneamente, necessária se quer que a sua empresa prolifere num cenário plano como aquele em que nos encontramos. Esta tarefa deve ter como base um custo reduzido, bem como a inovação, que exige que ela se adapte mais rapidamente do que nunca. Este é um dos casos em que a Wal-Mart se pode distinguir como uma grande empresa retalhista a nível mundial.

Esta crise deveu-se ao facto de grande parte dos computadores existentes estarem programados com relógios que apenas apresentavam dois dígitos para cada data, ou seja, dois para o dia, dois para o mês e dois para o ano. Assim, quando passasse o dia 31/12/99, a data apareceria como 01/01/00, o que implicava um regresso ao ano de 1900. A solução encontrada para este problema foi na Índia, devido ao seu desenvolvimento eletrónico e técnico nos anos anteriores.

In FRIEDMAN, L. Thomas, O Mundo é Plano – Uma História Breve do Século XXI, Actual Editora, 2006, p. 146

8. Insourcing – O que andam a fazer, na realidade, aqueles indivíduos de calções castanhos engraçados: aqui, o autor começa por falar de uma empresa norte-americana, supostamente, de distribuição de encomendas, a UPS (United Parcel Service). Acabou por a considerar como uma das grandes impulsionadoras do mundo plano, pois as suas políticas enquanto empresa já não passavam simplesmente pela distribuição e entrega de encomendas, mas também pela vigilância e sincronização de todas as cadeias de abastecimento, a nível mundial, quer de grandes como de pequenas empresas. Este processo é denominado pelo autor como insourcing, mais uma forma de criação de valor horizontal apresentada pelo mundo plano. O autor dá então vários exemplos que demonstram o trabalho dos técnicos da UPS, não como distribuidores, mas como técnicos de reparação ou qualquer que seja o serviço que pretenda. Os grandes clientes da UPS são, imagine-se, pequenas empresas que pedem a sua ajuda para se tornarem grandes. Tal como outros acontecimentos já acima referidos, este em específico aproveitou as vantagens que os primeiros grandes acontecimentos impulsionadores (Netscape e o fluxo sistemático de trabalho) lhe ofereceram para poder vingar no mundo plano e ajudá-lo a ficar ainda mais plano.
9. In-forming – Motores de busca Google, Yahoo! e MSN: aqui, Friedman fala sobre o aparecimento de variados motores de busca. Em primeiro lugar, o Google, ferramenta utilizada por todos nós várias vezes ao dia, surgiu com o intuito de providenciar uma procura fácil de informação e conhecimento, a nível mundial, em todas as línguas. O seu objetivo a longo prazo é que todos os cidadãos do mundo, a partir de qualquer aparelho (seja telemóvel ou PC), consigam a qualquer hora aceder a esta “base de dados”. O autor introduz, então, o conceito de “in-forming”, que define como sendo semelhante ao outsourcing ou offshoring, mas referente ao pessoal de um indivíduo. Como o Google, temos também a referência ao Yahoo! e ao MSN, que são seus semelhantes, apesar de o MSN providenciar, também, aos seus utilizadores um chat, para que possam realizar conversas online. O que estes motores permitem pode ser também perigoso, visto que, num mundo plano, “you can run, but you can’t hide”, ou seja, qualquer pessoa pode pensar em si e só tem de “google it” para conseguir informações pessoais de qualquer ser humano;
10. Os Esteróides – Digitais, Móveis, Pessoais e Virtuais: aqui a questão prende-se com o aparecimento de ligações à Internet, sem fios, ou seja, que lhe permitem estar online sem precisar de estar ligado, desde que haja acesso e que o seu “esteroide” o permita, pode estar no comboio ou num restaurante que terá sempre acesso às páginas Web.

“Pode fugir, mas não pode esconder-se”

Termo utilizado na gíria para nomear o processo de pesquisa: só tem de ir ao Google, digitar o que pretende e procurar

Friedman define os “esteroides” como todos os aparelhos eletrônicos que surgiram nos últimos tempos que permitem dinamizar os outros nove acontecimentos:

- O primeiro esteroide de que o autor nos dá conta é do aumento da velocidade, tanto de navegação como de armazenamento, a nível da computação.
- O segundo refere-se ao desenvolvimento que houve já a nível do download e upload de ficheiros bem como de mensagens instantâneas.
- O terceiro prende-se com o desenvolvimento da tecnologia que permitiu chamadas telefónicas através da Internet.
- O quarto, na sequência deste último, tem que ver com a possibilidade que agora temos de realizar videoconferências.
- De seguida, temos um quinto que se refere ao desenvolvimento a nível gráfico a que temos assistido, nomeadamente no que diz respeito a jogos de computador.
- O sexto, último e um dos mais importantes segundo o autor, refere-se ao aparecimento das tais tecnologias e dispositivos sem fios, ou seja, wireless.

Aqui, Thomas Friedman começa por nos falar de um episódio pessoal, a partir do qual se apercebeu da passagem total da fase Globalização 2.0 para a 3.0. Esta passagem de uma fase para outra deu-se muito devido a uma convergência tripartida de várias situações:

1. A convergência número 1 prende-se com os Dez Acontecimentos referidos no capítulo anterior. O que aconteceu foi que cada um desses eventos, de uma maneira ou de outra, complementava o outro. O indivíduo, só por si, apercebeu-se que podia fazer coisas sozinho que nunca tinha pensado em vir a fazer, pegando no exemplo dado pelo autor, como imprimir o seu próprio bilhete de avião em casa;
2. Esta segunda convergência prende-se com a implementação de novas tecnologias em conjunto com novas formas de fazer negócios. Este é um processo um pouco moroso, mas que só surte frutos quando as duas variáveis operam simultaneamente. O aparecimento de uma nova tecnologia, por si só, não é suficiente. Tomando o exemplo dado pelo autor, quando Thomas Edison inventou a primeira lâmpada elétrica comercializável, em 1879, esta não foi de imediato implementada nas casas de todo o mundo.

Thomas Edison (1847-1831) foi um grande inventor americano, mais conhecido pela invenção da lâmpada elétrica. Foi também o autor de tantas outras como o gramofone, etc.. Teve grande protagonismo ainda no cinema

Demorou anos, décadas, até que a eletricidade se tivesse difundido internacionalmente. Assim funciona também com os computadores ou com qualquer outro aparelho eletrônico, é preciso tempo para que sua propagação atinja a plenitudedesta aldeia global em que vivemos atualmente. O autor distingue ainda neste ponto pensamento verticalde pensamento horizontal.

- O primeiro caracteriza-se como sendo, por exemplo, uma estrutura em que para fazer chegar algo ao patamar mais alto (digamos que esta estrutura representa uma empresa) esse algo tem que percorrer vários patamares, pessoas, departamentos, etc.. Tem uma conotação mais formal e está, normalmente, relacionado com os verbos comandare controlar.
 - Por outro lado, numa estrutura horizontal, o contacto é mais direto, rápido, eficaz e há, sem dúvida, uma maior troca de informações entre todos os membros que formam essa estrutura. É, então, mais informal e remete-nos para os verbos ligare colaborar.
3. A terceira convergência prende-se com a abertura do mundo a tudo e todos. Isto é, a partir do momento em que os cidadãos de antigos países com economias fechadas, políticas conservadoras e estruturas hierárquicas verticais (casos da Índia, China, Rússia, etc.) descobriram que podiam competir, a todos os níveis, com o Ocidente e o resto do mundo

Resumindo, “Foi, então, que surgiu a tripla convergência. O Muro de Berlim caiu, o centro de Berlim abriu-se e, subitamente, três mil milhões de pessoas que tinham estado atrás da Cortina de Ferro entraram na <praça> pública global e cada vez mais <plana>.”

Outro facto muito interessante que deve ser referido é o númeroexorbitante de jovens estudantes desses países que entram, anualmente, nas universidades estadunidenses, por exemplo, e frequentam cursos como Engenharia, Matemática, Ciências da Computação ou Gestão de Empresas. “É uma cultura muito diferente. Não é fácil vir de tão longe. É preciso ter verdadeira <fome> de conhecimento.”

Estes novos “jogadores”, como Friedman chama aos recém-entrados no novo mundo, adaptam-se ainda mais rapidamente às novas tecnologias e avanços em qualquer área, visto que, muitos deles, não passaram pela fase de iniciação à tecnologia. Isto é, tendo em conta que muitos destes países não fizeram parte (pelo menos, ao mesmo tempo que os E.U.A. ou a Europa Ocidental) do processo de industrialização e avanço tecnológico, “(...) passaram da fase em que não tinham sequer telefone para a fase dos telemóveis, no espaço de uma década.” Para o autor, a partir de agora (2006, portanto, data desta edição da obra), a economia global vai ser construída pelos indivíduos que entendem o mundo como plano e não tanto pelas organizações mundiais económicas, como o FMI ou o G-8.

É, então, introduzido o conceito de “zippies”: “Os zippies formam o grande grupo de jovens indianos, que foram os primeiros a atingir a maioria quando a Índia se afastou do seu antigo modelo político de referência e mergulhou de cabeça no comércio global e na revolução da informação, ao tornar-se o centro de serviços mundial.” E, se nos anos 90 os jovens indianos que pretendiam entrar no comércio global tinham que esperar horas, dias para obter um visto para o “mundo novo”, visto esse que nem sempre era garantido, agora, com a tripla convergência, podem entrar nesse mundo a partir das suas casas, perto da sua família, na Índia. “Num mundo plano, é possível inovar sem ter de emigrar.”

Este conceito não é, no entanto, específico da Índia. Este mesmo fenómeno teve efeitos, também, em países como a Rússia ou a China, países já aqui muito referidos.

Friedman dá o exemplo da Boeing, empresa americana de fabrico de aviões, para clarificar a ideia de convergência. A Boeing, em 1991, começou um processo de recrutamento de cientistas aeronáuticos russos para participarem do seu projeto, dada a falta de engenheiros dessa área que se sentia em território americano. Os russos contratados pela Boeing, por sua vez, contrataram indianos para a função de design dos aviões; hoje, são os japoneses da Mitsubishi os fabricantes dos Boeing.

“(…) em resultado da tripla convergência, esta nova plataforma que tornou o mundo plano está, na prática, a destruir os nossos muros, tectos, soalhos (...) Indivíduos (...) descobriram subitamente que podem ter um impacto global no mundo, como indivíduos. Assim que se consumou a destruição dos tectos tradicionais, passaram a poder fazer coisas anteriormente inimagináveis.”

Como mote do quarto capítulo da obra de Friedman aqui em estudo, o autor diz que “(…) na sequência da tripla convergência, que se iniciou por volta do ano 2000, iremos viver aquilo que denominaria por <a grande reclassificação>.”

In FRIEDMAN, L. Thomas, O Mundo é Plano –Uma História Breve do Século XXI, Actual Editora, 2006, p. 203.

Fundo Monetário Internacional.

Conjunto dos oito países mais industrializados –Japão, Estados Unidos da América, Rússia, França, Alemanha, Canadá, Itália e Reino Unido.

In FRIEDMAN, L. Thomas, O Mundo é Plano –Uma História Breve do Século XXI, Actual Editora, 2006, p. 204.

Thomas Friedman afirma que esta ideia não é recente e que tinha já sido referida por Karl Marx, no século XIX, nos seus apontamentos sobre o Capitalismo, ou seja, no sentido em que falava de terminar com os bloqueios ao comércio global. Para Friedman, Marx anteviu que o mundo se fosse tornar num lugar plano na sua obra Manifesto Comunista.

O autor disserta, de seguida, sobre as vantagens, ou desvantagens, da globalização do mercado. Será que é bom “sermos todos iguais”? Seguiremos os mesmos padrões? Funcionarmos, apenas, como uma grande economia? Até que ponto esta “aldeia global” trará benefícios ao mundo inteiro? Desde a criação das máquinas a vapor, ao telégrafo à Internet, que as grandes invenções permitiram encurtar distâncias, quebrar barreiras, aproximar o Norte do Sul, o Este do Oeste. O que Friedman nos explica é que, certamente, talvez a longo prazo, iremos ser testemunhas de um mundo quase sem países ou continentes, um mundo plano que remaneja conjunto para a mesma corrente e que vive como um só.

Posto isto, o autor dá exemplos de casos que quebraram barreiras, através do outsourcing, como foi o caso de um concurso no estado americano do Indiana, em 2003, para contratar uma empresa que melhorasse os sistemas informáticos responsáveis pelos pedidos de subsídio de desemprego. Este concurso foi ganho por uma empresa proveniente da Índia, que apresentou uma proposta com um valor mais baixo que as suas concorrentes estadunidenses. A questão é, quem iria ser mais explorado com esta situação e vice-versa?

“Num mundo plano a relação entre diferentes grupos de trabalhadores terá de ser reclassificada, o que também acontecerá com a relação entre empresas e as comunidades onde as primeiras operam. (...) As grandes empresas não conseguem sobreviver hoje se limitarem a sua actividade a um único Estado, nem mesmo quando se trata de um país tão vasto como os Estados Unidos.”

Hoje, com o mundo plano, as empresas, mais do que nunca, têm liberdade de escolha sobre tudo: podem escolher onde se sediar, por que países (ou estados ou cidades) distribuir as várias funções, quais os parceiros a escolher, onde localizar as suas fábricas, etc.. Este facto só é possível devido à abertura total de mercados, fronteira e economia que caracteriza este planisfério.

Esta é outra grande questão. Como já foi referido anteriormente, o que acontece com a abertura de mercados é que, agora, seem países como a China, a Índia, a Rússia, etc., houver jovens com tanto ou mais talento que os americanos ou europeus, as empresas vão, certamente, decidir-se em apostar na mão-de-obra oriental, gasta menos em salários e permite-lhes novas perspectivas e horizontes de mercados.

Karl Marx (1818-1883) foi um pensador, intelectual, filósofo, jornalista e político alemão, que deu origem à doutrina comunista moderna.

Como exemplo da enorme diferença que ocorre no mundo hoje em dia ente mundo vertical e mundo horizontal, Friedman conta um encontro com Colin Powell³⁹ em que este lhe mostrou o seu fascínio pelo Google. Segundo o antigo Secretário de Estado norte-americano, foi a Google a prova final de que o mundo estava a tornar-se plano. Com esta ferramenta, Powell já não precisava, por exemplo, de pedir informações aos seus assessores de imprensa. Se precisava saber alguma coisa, bastava procurar no Google.

Outra questão referida por Friedman prende-se com a propriedade de empresas, marcas, produtos ou outros. Como o autor explica, “As empresas podem fazer uma de três coisas com a inovação: podem patentear o engenho que inventam e vendê-lo elas mesmas; podem patenteá-lo e licenciar o seu fabrico a outrem; e podem patenteá-lo e proceder ao intercâmbio de licenças com outras empresas para que todas elas tenham liberdade de acção para fabricar um produto –como um Pc –que surja da fusão de várias patentes diferentes.”

A última questão referida neste capítulo é a da “Morte dos vendedores”. Thomas Friedman partilha mais um episódio da sua vida pessoal para abordar o tema da substituição do ser humano por máquinas. Hoje em dia, o avanço tecnológico é de tal forma que o contacto humano, basicamente, acabou. Os negócios são feitos por email, Skype, entre outros programas, somos atendidos por mensagens gravadas computadorizadas em vez de por um funcionário, por exemplo, do número de informações. O objetivo fundamental de Thomas Friedman é tentar esclarecer tanto a ala que preza como a que rejeita a globalização, o mundo plano, o mercado livre, quanto a todas estas questões e mostrar-lhes como pode ser uma mais-valia para todos se o mundo se tornar plano. “Os países, empresas e indivíduos só conseguirão fazer escolhas políticas sólidas se apreciarem plenamente o <terreno de jogo> plano e se compreenderem todas as novas ferramentas que têm agora disponíveis para colaborar e competir entre si.”

Parte I – Ideias

1. A história da globalização pode ser dividida em três períodos.
2. O mundo está a tornar-se cada vez mais plano, com as emergentes aberturas de fronteiras, economias e mercados.
3. Houve dez grandes acontecimentos que levaram a esta situação.
4. A Tripla Convergência, em conjunto com outros fatores, foi uma das grandes responsáveis para que o mundo se tornasse plano.
5. É necessária uma reclassificação de abordagens, políticas, estratégias, mercados, etc., para que o mundo e as pessoas se adaptem à nova forma geométrica em que vivemos.

Parte II

Os Estados Unidos e o Mundo Plano

A segunda parte da obra de Thomas Friedman aqui em estudo está dividida em cinco capítulos.

No primeiro capítulo constituinte desta parte, a grande questão que T. Friedman coloca prende-se com a sobrevivência ou eficácia do comércio livre nos Estados Unidos num mundo cada vez mais plano.

Segundo o autor, “(...) uma política de comércio livre, quando necessária, não é suficiente por si só. Tem de ser acompanhada de uma estratégia interfocalizada com o objectivo de melhorar a educação de todos os norte-americanos, para que estejam aptos a competir por novos empregos num mundo plano.

O que Friedman pretende dizer é que o sentimento a ter perante este emergente outsourcing não deve ser de receio, mas sim de lealdade para com os ideais originais do comércio livre que só vem trazer diferentes áreas de empregabilidade, novos conhecimentos, mais mercado e maior procura. O que acontece é que as pessoas com menos qualificações terão de lutar mais para se assumir e conseguir um lugar e um salário no mundo plano, quer seja um indivíduo chinês, americano ou indiano. De acordo com Thomas Friedman, os Estados Unidos não devem recear o comércio livre por vários motivos. Um deles prende-se com o facto de ser o país com “mais trabalhadores motivados <por ideias> do mundo”⁴⁴. Outro prende-se com o produto final, que se atinja através dessas ideias e da difusão de conhecimento, que possa ser comercializado internacionalmente. Aquilo a que vamos assistir nos próximos anos, refere o jornalista, é a um aumento de novas indústrias, serviços e produtos que irão, por sua vez, dar origem a novos trabalhos. O que importa agora é que, tanto os países mais industrializados como os que estão ainda em vias de desenvolvimento, saibam tirar o maior partido das vantagens que têm uns sobre os outros.

Para finalizar o capítulo, Thomas Friedman refere que a entrada de novos países como a Índia e a China na economia global é equiparada ao prolongamento de linhas férreas entre cidades, já que quando isso acontece há sempre uma evolução, há uma emergente vontade de explorar o desconhecido – “Atingir o sucesso não acontece se impedir que a linha férrea chegue até si, mas sim se melhorar as suas competências e investir nas práticas que lhe permitirão, a si e à sua empresa, reclamar a correspondente fatia do bolo – maior mas também mais complexo.”

De seguida, no capítulo Os Intocáveis, o autor volta a referir a grande característica da Globalização 3.0. Se no primeiro período de globalização era o mundo o centro, no segundo esse papel cabia às empresas, agora quem tem de pensar e agir globalmente são os indivíduos por si. Agora, num mundo plano, já não existe o conceito de emprego na sua cidade. O

mundo é uma única cidade (ou aldeia global, se preferir) e o facto de ser indiano, chinês, americano, etc., não implica que não trabalhe para uma empresa, digamos, norte-americana, mas com escritórios no Japão.

Há, contudo, duas questões a ser salientadas, que estão na base do reajuste que deve ser feito para prosperar num mundo plano. Uma delas prende-se com os novos empregos que as empresas têm de criar e outra com a preparação que os colaboradores devem ter para estar aptos a esses novos empregos. Segundo Friedman, “A chave para prosperar, enquanto indivíduo, num mundo plano é descobrir como se tornar intocável. (...) Intocáveis, no meu léxico, são as pessoas cujos empregos não podem ser alvo de outsourcing, digitalizados ou automatizados.”

Hoje em dia, com o brutal avanço das tecnologias, grande parte dos empregos que dantes eram ocupados por indivíduos (receção, portagens, etc.) são agora desempenhados por máquinas, informatizados, digitalizados ou automatizados. Assim, o importante é que consigamos descobrir uma maneira de nos tornarmos “Intocáveis”, insubstituíveis por máquinas. O autor mostra depois a distinção entre dois conceitos: transacionável e não transacionável. O primeiro corresponde ao tipo de produto, material que podia ser enviado para qualquer lado, sendo que o segundo corresponde então ao contrário, serviços ou outro tipo de produtos que não poderiam ser transportados. Atualmente, esta distinção é cada vez menos perceptível. T. Friedman refere que, a partir de agora, importa mais que tipo de serviços podem ser realizados via eletrónica do que quais podem ou não ser transacionáveis.

Posto isto, o autor apresenta três categorias de “Intocáveis”:

1. Aqueles que marcaram de tal forma o seu lugar que não é possível substituí-los, como um investigador na área do cancro, ou celebridades, como Madona ou Michael Jackson;
2. Aqueles cujo trabalho tem de ser executado num determinado local ou em contacto direto com um cliente ou colega, etc.;
3. A esta categoria pertencem os “empregos do antigo escalão médio”, como lhes chama o autor. São aqueles cujo emprego não era transacionável e que agora o são, muito devido aos Dez Acontecimentos que tornaram o Mundo Plano.

O que acontece agora nos Estados Unidos e deve acontecer nos restantes países industrializados é que há uma extrema necessidade de criar empregos que correspondam a esta classe média.

De seguida, o autor enumera, então, quais os novos grupos empregadores do mundo plano e quais as competências necessárias para os preencher:

- Colaboradores que estejam aptos a fazer a ligação entre as grandes empresas multinacionais que aparecerão, com disponibilidade total para o fazer. Serão, basicamente, empregos nas áreas de vendas, marketing, manutenção e gestão;
- Junção de vários trabalhadores de diferentes áreas, que pensam e agem em conjunto para atingir um fim, por exemplo, um matemático e um especialista em marketing que trabalhem em simultâneo na otimização de motores de busca;

- Após esta junção e sintetização vão ser necessários vários empregos que conjuguem áreas como o ensino, jornalismo, edição, etc.;
- A necessidade de criar empregos para pessoas que não sejam especialistas, mas sim que se consigam adaptar a várias realidades, temas, conflitos, etc., é, sem dúvida, um facto fulcral no mundo plano;
- Tendo em conta a necessidade emergente de reduzir as emissões de gases nocivos e de baixar os níveis de agressão ao nosso planeta vão, também, surgir muitos postos de trabalho relacionados com a proteção e sustentabilidade do ambiente;
- Num mundo plano extramente competitivo, um dos fatores que mais o vai tornar intocável será o seu toque pessoal. Assim, serão necessários e valorizados empregos personalizados por quem os desempenha;
- As pequenas e médias empresas vão ter um papel fundamental na criação de empregos no mundo plano, se conseguirem adaptar a sua estratégia local à escala global.

No capítulo seguinte, O Ingrediente Certo, Thomas Friedman segue este raciocínio e apresenta a equação que pretende demonstrar como e quanto devemos educar os nossos filhos a fim de os preparar para os empregos que o mundo plano oferece.

O primeiro passo que os jovens devem ter em conta é “aprender como aprender”, não importa o assunto ou matéria, importa que se saiba como aprender. Outros dois grandes fatores a ter em conta, como explica o autor, são a curiosidade e paixão que se sente por uma área ou trabalho. Num mundo plano, estes fatores são cruciais para que se consiga desempenhar o trabalho da melhor forma possível e deixar uma marca pessoal nele – $QC + QP > QI$. “Ninguém se dedica mais à aprendizagem do que um miúdo curioso.” Como terceiro fator fundamental, o autor escolhe o relacionamento com os outros. Se soubermos como nos comportar e relacionar em sociedade, mais facilmente nos adaptaremos a um mundo plano.

De seguida, refere o desenvolvimento do lado direito do cérebro como fator crucial nesta adaptação. Como sabemos, a ciência neurológica defende que o cérebro está dividido em dois hemisférios – o esquerdo e o direito. O primeiro centra-se na parte lógica, racional e dedutiva. O segundo concentra-se na parte emocional. Fazer aquilo que gostamos e nos dá prazer é essencial, é, aliás, como o autor refere “(...) uma estratégia de sobrevivência.”

Para justificar os seus argumentos, Friedman dá o exemplo de uma escola – Instituto de Tecnologia da Georgia, Atlanta – que alterou as suas políticas de admissão ao aperceber-se que, mais do que “génios” da computação ou engenharia, os seus alunos mais interessantes tinham um gosto enorme por aulas ou atividades extracurriculares criativas, como a produção ou composição. Com esta estratégia, o número de licenciados por ano aumentou exponencialmente. Já não há espaço para especialistas numa determinada área, já não há espaço para “ratos de laboratório”. A Arte tem que se

agregar às Ciências para então se formarem técnicos de excelência para o futuro. O que foi feito nesta universidade e que, segundo Friedman, deve ser feito em tantas outras, é juntar aos estudos de Engenharia conhecimentos de Arte, Escrita e Comunicação, entre outros.

Segundo Thomas Friedman, os Estados Unidos reúnem todas as condições necessárias para proliferar no mundo plano. Isto por diversas razões que o autor explica na última parte deste capítulo. São elas:

- Economia de mercado livre flexível (importantes parcerias entre Estado e universidades);
- Disponibilidade cultural norte-americana para conseguir recuperar e reconstruir-se;
- Milhares de institutos universitários concentrados no desenvolvimento inovador e científico;
- Mercados capitais mais eficientes do mundo, que apoiam a inovação e progresso das universidades, instituições, etc., transformando-os em produtos ou serviços;
- Entre tantas outras.

A Crise Silenciosa, oitavo capítulo da obra de Friedman aqui em estudo, começa por comparar a crise que então começava a abalar os Estados Unidos da América com um certo declínio do poderio da dream team americana de basketball. Durante várias décadas, os americanos não conseguiram encontrar um adversário à altura em qualquer competição, mesmo até nos Jogos Olímpicos, tendo apenas sofrido uma derrota. Esta situação alterou-se nos Jogos Olímpicos de 2004 em Atenas, quando os americanos regressaram a casa com uma mera medalha de bronze. Segundo o autor, este facto é fácil de explicar, já que com o mundo cada vez mais plano, com a propagação da informação (tática e técnica, neste caso específico), com a entrada de jogadores latinos, asiáticos ou da Europa de Leste nas grandes equipas da NBA, a supremacia americana no basquetball tornou-se mais suscetível e com tendência a decair. Sem querer demonstrar qualquer tipo de parcialidade, contra ou a favor, da grande liga americana de basketball ou mesmo da sua seleção, esta situação mostra-nos a vontade de outros países em igualar ou superar os americanos em qualquer atividade, seja ela desportiva, económica, etc.. Esta comparação aplica-se também a aquilo que o autor explica no seu livro referente aos novos trabalhos. Para Friedman, os E.U.A. têm vindo a desleixar-se, no que respeita à aposta na ciência, engenharia, entre outras áreas. Isto faz com que países como a Índia ou a China apostem nessas áreas, visando ultrapassá-los. Se nos quarenta anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial a economia americana era a única que resistia e que “sustentava” o mundo, agora já não é assim. Para o autor, a explicação para este declínio reside numa alteração de atitude por parte dos cidadãos americanos. Se a primeira geração de americanos pós-guerra trabalhou e lutou arduamente para conseguir algo, a geração seguinte lutou para o manter. O problema foi a terceira geração, ou seja, a geração “moderna” em que termos como computador ou Internet eram já recorrentes, que apenas gastou e se habituou ao ganho sem esforço. Os Estados Unidos da América estão em crise. O autor afirma que “A verdade é

que os EUA estão actualmente em crise, mas é uma crise que se está a desenrolar de forma muito silenciosa.”

O que os E.U.A. enfrentam hoje em dia é uma crise também a nível científico e inovador. Se com o presidente John F. Kennedy e a corrida à Lua milhares de americanos rumaram às faculdades de ciências e engenharias e tornaram o país no mais inovador e com melhor performance científica, tecnológica e inovadora, a partir de certa altura começou a verificar-se o contrário e, agora, mais do que nunca, os E.U.A podem mesmo ficar níveis atrás de outros países nesta corrida, o que leva também a um possível lugar abaixo no pódio da economia.“

É por isso que insisto que a riqueza na era do mundo plano será cada vez mais canalizada para os países que conseguirem acertar em três aspectos essenciais: a infra-estrutura para se ligar o mais eficiente e rapidamente possível à plataforma do mundo plano, os programas escolares adequados e as competências certas para permitir que um número crescente dos seus cidadãos inove e execute trabalho de valor acrescentado nesta plataforma, e, por fim, a governação certa (...) para aumentar e gerir o fluxo com o mundo plano.”

Segundo a visão de Thomas Friedman, os E.U.A. não conseguem realizar nenhuma destes três aspetos na perfeição, o que leva a que existam grandes disparidades que ameaçam internamente o país. São elas:

1. O grande número de engenheiros e cientistas americanos das décadas de 60 e 70 do século XX está agora na idade da reforma e não foi substituído nem em quantidade nem em qualidade suficiente para que o país se continuasse a desenvolver científica e economicamente, como seria previsto;
2. A grande discrepância que há atualmente entre a educação nos Estados Unidos e noutros países, como a China ou a Índia. O autor dá o exemplo de competições a nível internacional de Ciências e Matemática, nas quais os alunos americanos costumavam destacar-se mas que, ou estagnaram relativamente à média internacional, ou foram mesmo ultrapassados por outros;
3. A falta de ambição dos americanos relativamente a empregos “menos prestigiados”, como o de operador de call center. Em jeito de exemplo, o autor refere novamente o caso indiano: apesar de contarem com salários mais baixos que os operadores de call center americanos, os indianos consideram este um emprego de alto nível. Assim, a produtividade é maior e melhor no caso da Índia e, tendo em conta pouca ambição dos trabalhadores americanos, menor nos E.U.A.;

John F. Kennedy (1917-1963) foi o 35º Presidente norte-americano e um dos mais novos, a par de Theodore Roosevelt. É um dos mais famosos presidentes estadunidenses, tanto pela sua carreira enquanto militar (serviu durante a II Guerra Mundial) e político (foi no seu mandato que se deram vários acontecimentos determinantes para a história americana e mundial), como pessoal. Foi assassinado.

In FRIEDMAN, L. Thomas, O Mundo é Plano – Uma História Breve do Século XXI, Actual Editora, 2006, p. 306.

4. O sistema educativo americano foi, desde o início do século XX, deixado à responsabilidade de cada escola, quer seja em termos de abordagem de ensino, a salários, a propinas, etc.. Assim, será fácil de compreender a distância entre uma escola numa zona mais abastada, com melhores professores e um ensino virado para a criatividade e inovação e as escolas públicas, situadas em zonas mais pobres e complicadas, que apenas se esforçavam por ensinar o mínimo pretendido. Esta situação funcionou até certo ponto, mas, agora, com o mundo plano e o outsourcing cada vez mais presente em todo o lado, já não há espaço para quem não tenha as mínimas competências;
5. A falta de financiamento de projetos científicos nos E.U.A é outra das grandes disparidades. Segundo o autor, em 2006 a percentagem de ensaios científicos escritos por americanos tinha descido mais de dez por cento quando comparada com a do ano de 1992. Este facto é extremamente preocupante, pois se não há apoio financeiro do Estado ou das universidades, não há base para avançar na investigação e chegar a uma conclusão científica;
6. Finalmente, o autor refere o problema das infraestruturas. Friedman afirma que se os E.U.A. não se preocuparem em dar aos seus cidadãos total acesso às inúmeras vantagens que o mundo plano proporciona (aqui o exemplo dado refere-se ao baixíssimo número de cidadãos americanos que utilizam placas de banda larga), então nunca mais vão conseguir competir e distinguir-se como grandes líderes de “produtividade e inovação em todos os sectores da economia.”

Para concluir este capítulo, Thomas Friedman fala sobre vários exemplos de empresas, como a Microsoft e a Intel, e o facto de estas se estarem a espalhar pelo mundo, apesar de continuarem a ser americanas tendo em conta que são cotadas na Bolsa de Valores de Nova Iorque. O que está a acontecer, e o motivo pelo qual os E.U.A. estão a ser ultrapassados é, de facto, a falta de investimento, quer financeiro quer educacional, na inovação e criatividade, na falta de ligação entre as Artes (desenvolvimento de carácter criativo) e as Ciências (desenvolvimento de carácter produtivo, engenharia, científico). Há que apostar, em grande, na educação. São precisos mais de dez anos para formar engenheiros e técnicos de primeira. Não podemos virar costas à crise. “O facto de não estarmos a fazer isto é uma crise. Poderá ser uma crise lenta e silenciosa, mas existe e é real.”

Isto não é um teste o nome do capítulo seguinte e último desta parte da obra de Friedman. O autor começa por construir uma espécie de paralelismo com o tempo da Guerra Fria. Nessa altura, principalmente a partir de 1957, os E.U.A. começaram a aperceber-se que estavam a ser ultrapassados pelos russos, visto que foi nesse ano que a URSS lançou o primeiro satélite para o espaço, Sputnik. A diferença entre o tempo da Guerra Fria e agora é que “O principal desafio, naquela altura, veio daqueles que queriam construir muros; o principal desafio que os EUA actualmente enfrentam resulta do facto de todos os mitos estarem a ser derrubados, podendo os outros países competir directamente com eles. (...) O principal objectivo durante a Guerra Fria era edificar um Estado forte; o principal objectivo desta época é criar indivíduos fortes.”

Friedman alerta os americanos para que se convençam que o facto de o mundo estar a ficar cada vez mais plano não é um teste, é a realidade e, para sobreviver e vencer nele, têm de providenciar uma resposta rápida e eficaz aos desafios que lhes vão ser lançados. Aqui, refere uma abordagem que deve ser seguida como meio de atingir este fim e a que dá o nome de “mundo plano solidário” –“(…) consiste em aproveitar a globalização e compreender que uma sociedade mais justa, mais solidária e mais igualitária reside numa teia de políticas que não se destinam a fortalecer o velho Estado-providência (...) mas a reconfigurá-lo e a oferecer a mais norte-americanos a perspectiva, a educação, as competências e as redes de protecção de que precisam para competir com outros indivíduos no mundo plano.”

Para que esta abordagem resulte, devemos ter em conta cinco categorias. São elas:

1. Liderança—o autor chama a atenção para o facto de grande parte dos políticos americanos serem advogados, ao contrário dos chineses, por exemplo, que são engenheiros e cientistas. Isto faz com que estes últimos compreendam melhor o mundo plano e os desafios que este exige a nível científico e de produtividade. Nada é mais importante do que um político que consiga explicar ao seu povo aquilo por que o mundo está a passar e o que é necessário fazer, refazer, adotar, etc., para o acompanhar. Ora, se o político por si não compreende, então não o conseguirá passar para a sua audiência. Aí está uma grande diferença entre o exponencial desenvolvimento chinês e o estagnado desenvolvimento americano. “Precisamos depolíticos que sejam capazes, e tenham vontade, de explicar e de inspirar.”⁵⁹Para o comprovar, Friedman dá o exemplo da IBM que, quando se começou a aperceber da crise que aí vinha, levou os seus trabalhadores a alterarem a sua ideia do conceito de empregovitalício, motivando-os, antes, a pensarem nele ao contrário —é o trabalho, a motivação, a criação, a vontade dos trabalhadores que devem dar provas de que o emprego pode ser vitalício. Este é o exemplo de liderança num mundo plano solidário;
2. Criação de músculos – este ponto segue a linha de raciocínio do que acabámos de dizer no anterior, na medida em que se preocupa com a substituição daquilo que já não cabe no mundo plano por “massa muscular” no mundo plano solidário. Isto é, devem ser criadas as condições necessárias para que o indivíduo se torne “mais vitaliciamente empregável – mais apto a adquirir o conhecimento ou a experiência necessários para ser um bom adaptador, sintetizador, colaborador, etc..”⁶⁰O que importa é criar trabalhadores que encaixemno mundo plano em que vivemos, ou seja, que para além do conhecimento e experiência, sejam capazes de se adaptar a novas realidades, que sejam flexíveis e que possam ser móveis. Para que isto seja possível é de extrema importância que se criem seguros e cuidados de saúde também eles móveis e flexíveis. O que deve ser também adaptado é o sistema educacional, tal como já foi referido diversas vezes –todos os trabalhadores, quaisquer que sejam os seus empregos, devem ser instruídos e a educação deve ser obrigatória e subsidiada pelo governo o mais possível;

3. Amortecimento—aquí, o autor refere que há certas políticas e situações antigas que devem ser mantidas para que o mundo plano funcione em pleno, como a Segurança Social, acrescentando-lhe, ainda, um seguro sobre os salários, para complementar o subsídio de desemprego para que os trabalhadores que fiquem sem emprego não se sintam desamparados e ainda para os motivar a procurar rapidamente um novo trabalho, tendo em conta que este seguro sobre o salário só começaria a ser pago quando os trabalhadores encontrassem uma nova ocupação. Para Friedman, esta é a única forma de por o mundo plano a funcionar —“De acordo com o ditado: se quer viver como um Republicano, vote como um Democrata —cuide bem dos vencidos edos que são deixados para trás. A única forma de ser um adepto do mundo plano é defendendo um mundo plano solidário.”
4. Ativismo Social —uma área que precisa de remodelação e reforço é o da cooperação social. Isto é, tanto as empresas globais que cada vez serão mais, como as sociedades têm que trabalhar em parceria, para que não haja uma discrepância de poderes entre elas. “Os activistas sociais e ambientais, bem como as empresas progressistas, podem agora colaborar de forma a tornar ambas as partes mais lucrativas e o mundo plano mais habitável. O mundo plano solidário procura activamente a promoção deste tipo de colaboração.” Numa aldeia global como aquela em que vivemos, tudo o que fazemos é uma demonstração de ideais, decisões, valores e políticas. Assim, quando decidimos, enquanto consumidores, adquirir um produto e não outro é porque nos identificamos mais com ele. Num mundo plano solidário, empresas e consumidores devem trabalhar em conjunto para que esses valores, ideais e políticas remem todos a favor da mesma corrente;
5. Educação dos filhos —finalmente, e não menos importante do que todas as outras, é a educação familiar. O autor defende que os pais americanos devem saber preparar os seus filhos para o mundo que estes vão enfrentar, para as dificuldades e obstáculos que vão ter de ultrapassar. O tempo em que os Estados Unidos eram reconhecidos como a grande potência económica, militar e até desportiva acabou e desses tempos fica apenas um sentimento de lembrança que não vai desaparecer, mas que tem de passar de uma memória para algo real novamente. Friedman chama a atenção para algo extremamente importante relativamente à educação —“A educação, venha ela dos pais ou das escolas, tem de ultrapassar as competências cognitivas. Tem também de incluir a formação do carácter.” Este facto é, realmente, determinante. Não chega o conhecimento, o estudo, o ambiente familiar e a cultura. Avontade de aprender e ser alguém são fulcrais para que se consigam criar trabalhadores de excelência num mundo plano (solidário).

Thomas Friedman termina o capítulo tal como o começou: com um apelo de John F. Kennedy para que os americanos apostem na inovação e no futuro. “A única forma de mantermos o crescimento do nosso nível de vida é construindo uma sociedade que produza pessoas que possam continuar a inventar o futuro. (...) Temos de congregiar o país inteiro no cumprimento deste

objectivo. O futuro não irá esperar por nós e, se não o inventarmos, outros o farão.”

Parte II – Ideias

1. A política de comércio livre deve ser acompanhada de outras que ajudem o país a competir.
2. O Mundo Plano vai dar origem a novos empregos e os trabalhadores devem estar preparados para isso. A curiosidade e paixão por uma área ou trabalho são essenciais para que o consigamos realizar.
3. Os E.U.A. vivem numa crise silenciosa que devem resolver, antes que ela se faça ouvir.4. Para que a abordagem ao Mundo Plano solidário resulte devemos ter em conta a liderança, a criação de músculos, o amortecimento, o ativismo social e a educação dos nossos filhos.

Parte III

Os Países em Via de Desenvolvimento e o Mundo Plano

A terceira parte da obra de Thomas Friedman é constituída simplesmente por um capítulo. O autor começa por falar de dois países que, aos poucos, se foram apercebendo que o mundo se estava a tornar num lugar plano –o México e o Egipto. No caso do México, o país e os seus cidadãos começaram a ser ultrapassados pelos chineses na questão da exportação de certos produtos e serviços para os Estados Unidos e mesmo para o seu país. Isto é, os mexicanos aperceberam-se que muitos dos seus materiais, produtos e serviços dos quais eram os principais exportadores para os E.U.A. estavam agora a ser exportados pelos chineses e, apesar da mão-de-obra mexicana ser barata, muitos produtos eram agora manufaturados pelos chineses elevados depois para o México. Quanto ao Egipto, a situação de que Friedman fala remete-nos para o período do Ramadão muçulmano. Os egípcios aperceberam-se que as famosas lanternas que as crianças costumam usar durante o período de abstinência muçulmana eram agora fabricadas na China, em plástico, ao contrário das originais e tradicionais lanternas fawanis, nome dado a estes objetos antes fabricados no Egipto. Na opinião de Thomas Friedman, os países em vias de desenvolvimento, se querem entrar, adaptar-se e competir no mundo plano, têm que passar por uma fase de introspeção –“Um país, o seu povo e os seus líderes têm de ser honestos consigo e olhar de forma lúcida para a sua posição relativamente a outros países e para os dez acontecimentos que contribuiram para que o mundo se tornasse plano.” A cada vez mais forte participação da China na economia mundial é o acontecimento, dos dez que foram já aqui referidos, que mais afeta os países em via de desenvolvimento, visto que é um país com uma taxa de produtividade elevadíssima e de baixo custo. Friedman relembra que para conseguir implementar totalmente o mundo plano, os países devem basear-se em três grandes forças:

1. As infraestruturas corretas para abarcar o desenvolvimento tecnológico, científico, etc.;
2. A educação dos seus cidadãos para entrarem da melhor maneira no mundo plano;
3. A governação certa para o mundo plano.

O que aconteceu em países como a Índia ou a China foi que, à medida que se aperceberam que o mundo estava, de facto, a ficar mais pequeno e conseqüentemente, plano, teriam que “aproveitar” esse facto para se abrirem ao mundo e incentivarem os seus cidadãos a trabalhar de forma a construírem um papel para eles nesse mesmo mundo plano; os líderes de países

como estes, ou como a Rússia, México, entre tantos outros, perceberam que só abrindo portas e quebrando barreiras conseguiriam fazer parte da corrida por um lugar respeitável no mundo plano.

O autor faz uma interessante analogia na qual imagina que o mundo era apenas um bairro, no qual haveria uma Rua da Europa (envelhecida), uma dos Estados Unidos (onde ninguém fazia nada e um buraco aberto na parede deixava espaço para os imigrantes passarem e fazerem o trabalho dos americanos), uma Rua Árabe (onde todos tinham medo de passar), e por aí em diante. Utiliza esta analogia para demonstrar que nenhum país é perfeito, todos têm pontos fortes e fracos e todos precisam daquilo a que o autor chama de “reforma <retalho>(...) Implica avaliar as infra-estruturas, a educação e a governação e aperfeiçoar cada uma delas, de forma a permitir que mais pessoas tenham as ferramentas e a estrutura legal para inovar e colaborar ao mais alto nível.”⁶⁶ Thomas Friedman tenta com isto demonstrar que não chega apenas investir no mercado estrangeiro ou na educação. Poder competir num mundo plano é uma tarefa mais complexa do que isso. Por exemplo, a Irlanda soube aplicar as três forças para que, dentro do país, se apostasse no mundo plano e também para que empresas estrangeiras apostassem no seu território, fator que também as privilegiava tendo em conta as políticas financeiras aplicadas às empresas. Outro ponto referido e de extrema importância é a cultura. Para Friedman não se pode entrar verdadeiramente no mundo plano se não se tiver em conta o papel da cultura. Para terminar, o autor questiona-se sobre o porquê de alguns países conseguirem adotar todas as estratégias necessárias para receber o mundo plano e para que o mundo plano os receba e a outros não. Por não saber definir as razões, Friedman chama-lhes “fatores intangíveis” que, segundo ele, se prendem com duas características: vontade desse país em querer mudar, sacrificando-se em prol da economia e presença de líderes que apoiem essa vontade em nome do país e não da riqueza pessoal.

Parte III – Ideias

1. Uma fase de introspeção é essencial para que os países em vias de desenvolvimento consigam entrar no mundo plano.
2. Os países em vias de desenvolvimento devem começar por abrir portas ao mundo para que sejam vistos como potenciais concorrentes nos principais mercados mundiais.
3. Os “fatores intangíveis” são o motivo pelo qual alguns países conseguem adotar, melhor que outros, o mundo plano.

Parte IV

As Empresas e o Mundo Plano

A quarta parte da obra de Friedman é, também, constituída apenas por um capítulo. Aqui, o autor pretende expor diversas regras que ajudem as empresas a compreender o que podem fazer para vencer e crescer num mundo plano. São elas:

1. “Aprofunde o que se está a passar. Não tente construir muros.” – aqui, o autor dá o exemplo da empresa de fotografia de uns amigos seus que foi confrontada com a entrada da tecnologia avançada no mundo fotográfico. Com as máquinas “antigas”, o fotógrafo preocupava-se em tirar a fotografia e, posteriormente, enviar o rolo para os experts que as revelariam e tratariam. Com a digitalização das máquinas e fotografias, passaram a ser os fotógrafos a ter todo esse trabalho;
2. “O pequeno deve agir <em grande>” – aqui, o autor dá o exemplo de outro amigo seu que tinha uma empresa de distribuição de encomendas que funcionava, maioritariamente, no mundo árabe. Após ter sido comprada parcialmente por outra empresa maior, a empresa foi crescendo, até que, com o mundo a ficar mais plano, essa parceria se dissolveu. Para não perder terreno, o CEO começou a pensar em grande e uniu forças para transformar a sua pequena empresa numa grande, quase concorrente àquela que a tinha dominado em tempos;
3. “O grande deve agir <em pequeno>...” – para explicar esta regra, o autor dá o exemplo da cadeia de cafés Starbucks, que está completamente internacionalizada e é a grande cadeia de cafés mundial, com milhares de variedades de bebidas. O que aconteceu foi que a empresa se deparou com muitos pedidos por parte dos clientes de bebidas com leite de soja. Ora esse leite não fazia parte do menu das suas lojas. Assim, como no exemplo anterior, a empresa soube dar ouvidos às necessidades dos seus clientes;
4. “As melhores empresas são as que mais colaboram.” – esta regra explica-se facilmente através da quantidade enorme de conhecimento, tecnologias, etc., que tem surgido no mundo plano e na rapidez com que se propaga. Assim, é impossível para um departamento ou mesmo uma empresa pensar que pode agir sozinho. Essa ideia já não cabe no mundo plano. Quanto mais colaboração existir entre sociedades, empresas e indivíduos, mais valor será criado. “(...) quanto mais o mundo plano ligar todas as áreas do conhecimento, maior será o grau de inovação.”

5. “(...) as melhores empresas mantêm-se saudáveis (...) vendendo depois os resultados aos seus clientes.” No mundo plano, todas as empresas se devem submeter a “radiografias”, ou seja, revisões sobre tudo aquilo que a envolve, o que está a ser feito e o que não está, o que deve ser alterado e o que não deve, etc.. Esses resultados devem ser apresentados aos clientes como uma espécie de elo de ligação e proximidade entre “vendedor e comprador”;
6. “As melhores empresas subcontratam para ganhar, não para diminuir de dimensão.” – aqui, Friedman refere-se ao conceito de outsourcing. As empresas estão cada vez mais a apostar nisto, não só como forma de reduzir custos, mas principalmente para alargar as áreas do seu conhecimento;7.“O outsourcing (...) Também é para os idealistas. - o exemplo dado pelo autor para explicar esta regra é o de uma empresa de inserção de dados fundada por um americano que tinha estudado em Harvard, no Camboja. Contra aquilo que seria de esperar, o americano escolheu aquele país, supostamente “hostil” quando se refere a negócios e formou uns quantos cidadãos nativos, comprou computadores e acesso à Internet, por um baixo custo e, hoje em dia, têm contactos e trabalho vindos não só dos EUA como também do Paquistão, da Mongólia, do Irão, etc., contactos estes que nem foram pessoais, muitos deles trocam impressões apenas por via da Internet.

Parte IV – Ideias

1. As empresas nunca devem virar costas à abertura de portas e horizontes. Muros não levam à vitória.
2. As pequenas empresas devem pensar em grande. As grandes empresas devem viver como pequenas de forma a se aproximarem do seu público.
3. O outsourcing não é apenas uma medida de redução de custos: é uma fonte de divulgação de conhecimento com dois sentidos –se ensinarmos, também aprenderemos, com certeza.

Parte V

Geopolítica e o Mundo Plano

A quinta parte da obra de Thomas Friedman é constituída por três capítulos. O primeiro capítulo integrante desta parte revela logo uma certa contradição do restante livro. O autor afirma “(...) eu sei que o mundo não é plano.”⁷⁵Então mas não foi o contrário disso que afirmou e nos tentou convencer ao longo de toda a obra? O que o jornalista pretende dizer é que, apesar dos dez acontecimentos, da tripla convergência, etc., nem todo o mundo está já a caminhar na direção certa para que ele seja plano. Todas as inovações, avanços e descobertas que foram feitas e que levaram à horizontalidade cada vez maior do mundo não são utilizadas da mesma forma por todos. Explica também que mesmo as zonas que já estão planas, podem deixar de estar devido a qualquer tipo de perturbação, económica, social, bélica, etc.. E as que ainda não o estão, podem usar, por exemplo, a tecnologia contra o sistema que tenta colocar o mundo plano ao invés de a favor. “A linha que separa aqueles que estão no mundo plano e aqueles que não estão é a linha da esperança.”⁷⁶Isto é, países como a China, a Índia, entre tantos outros, encontraram a esperança ao acreditar que, apesar de grande parte da população viver num nível de pobreza extremo, podiam competir com os grandes se apostassem, de forma corrente, naquilo que o mundo plano lhes podia oferecer. Outras regiões, como grande parte do continente africano, América Latina, ou até mesmo certas zonas de outros países referidos, não encontram a esperança necessária.

O autor refere que há duas razões para isto: “ou estão demasiado doentes ou os seus governos locais estão demasiado falidos para acreditar que existe luz ao fundo do túnel.” É um facto que nestas zonas não planas não é possível pensar em crescimento económico já que, mais de metade da população, na maioria das vezes, está afetada com doenças como a SIDA, a malária, a tuberculose, entre outras, ou, no caso das crianças, não têm acesso à educação, pois têm de ficar em casa a cuidar dos pais moribundos ou são simplesmente órfãs e não têm dinheiro para ter acesso a um bem que deveria ser gratuito. O autor disserta, de seguida, sobre como seria o mundo se fosse dada, a estas regiões pobres em riqueza e conhecimento, uma oportunidade de participar no mundo plano. A conclusão é que isto só será possível com a ajuda de uma entidade (indivíduo, sociedade, empresa, etc.) humanitária, como foi o caso de Bill Gates que usou dinheiro da Fundação Bill & Melissa Gates para ajudar no combate à malária, entre tantas outras contribuições. Posteriormente, o autor acrescenta um novo conceito, o de “mundo meio plano”. Estes são aqueles que, apesar de viverem em países com zonas já planas, não têm o poder suficiente para fazer parte delas. São

aqueles que não dispõem de nada do que o mundo plano tem para oferecer, ou seja, infraestruturas, tecnologias, enformação, etc.. Este grupo de pessoas, como explica o autor, pode desenvolver certas características violentas visto que, por estar tão perto da realidade plana e não fazer ainda parte dela, pede “ajuda” aos que já lá estão para que os façam subir até chegar ao plano. Segundo Friedman, estes milhões de pessoas permanecem neste “limbo” por culpa dos seus líderes e governantes que se entregaram à má gestão e corrupção. Uma das grandes consequências da globalização e do mundo plano é a aproximação rapidíssima de várias sociedades e culturas. Como facilmente podemos depreender, esta pode dar origem a conflitos e ao aparecimento de grupos, radicais ou não, contra este sistema. Este é o caso do grupo al-Qaeda⁷⁹ e de tantos outros que habitam o mundo árabe-muçulmano. E, o facto curioso é que nenhum dos terroristas que foi identificado, por exemplo, no ataque às torres do World Trade Center fazia parte do mundo não plano nem mesmo do “limbo”. Todos eles tinham educação, muitos de nível superior, e viviam bem na Europa. Eram, portanto, mais uns privilegiados do facto de o mundo se ter tornado plano e que aproveitaram esse valor acrescentado para o lado negativo. Segundo o autor, as principais forças que moveram qualquer ataque terrorista foram a frustração e humilhação. Se um país ou indivíduo não consegue “esquecer” o passado então não vão conseguir concentrar-se no futuro, como é o caso de grande parte dos árabes e muçulmanos. Se apenas pensam como foram grandes outrora e que já não o são agora, então o seu subconsciente vai encontrar “inimigos” que os fizeram perder esse poder. Estas foram as principais bases da revolta que leva a atos terroristas.

Fazendo uma analogia com a humilhação que a Alemanha sofreu após a Primeira Guerra Mundial e a assinatura do Tratado de Versalhes, Friedman demonstra a diferença entre a frustração árabe que, por não ser uma região com uma economia passível de ripostar através do Estado, o fez através de duas figuras que recorreram ao poder do petróleo (Ahmed Zaki Yamani, Ministro do Petróleo saudita) e a força militar e terrorista (Bin Laden), e a alemã que possuía bases económicas para tal, o fez através da criação do Terceiro Reich.

Formada por militares fundamentalistas islâmicos, recrutados em vários países, a organização terrorista Al-Qaeda (“a base”, em árabe) foi criada por Osama Bin Laden em 1989.

Assinado em Versalhes, arredores de Paris, França, a 10 de janeiro de 1919 foi o documento que oficializou o final da Primeira Guerra Mundial. Para além de nele estar a origem da Sociedade das Nações (antecessora da Organização das Nações Unidas), constavam também neste documento uma série de cláusulas que obrigavam a Alemanha a ficar, finalmente, em paz com os restantes países europeus que confrontou entre 1914 e 1918 e também a ceder todos os territórios que havia ocupado. Foi um documento extremamente humilhante para os alemães; muitos dizem que foi o principal responsável pelo ódio que surgiu em indivíduos como Adolf Hitler e que levou, posteriormente, à Segunda Guerra Mundial.

Friedman sublinha então que, aquilo que nos deve fazer viver e acreditar no mundo plano, sem pensar que a qualquer momento a pessoa ao nosso lado pode explodir, é a confiança. Se vivermos com medo ou não saímos de casa ou voltamos a fechar-nos, enquanto país ou indivíduo, ao mundo e regredimos anos e anos. Acrescenta ainda que a revolta e frustração só terão fim no mundo árabe quando houver uma luta de ideias e crenças e os moderados, não os radicais, a vençam. Estes são os motivos que levam a que o mundo não seja ainda um lugar completamente plano.

A última parte do capítulo preocupa-se com questões ambientais. É um facto que, atualmente, há um enorme uso (e abuso) e desperdício de recursos. Cada vez mais os governos do mundo plano vão ter de se preocupar com políticas pró-ambiente e reciclagem. A China é um exemplo a não seguir. Em poucos anos, a tecnologia e avanço científico mudaram tanto a cidade que os níveis de poluição atingiram níveis máximos e, imagine-se, o petróleo deixou de ser suficiente, passando a China a ser um dos maiores importadores de petróleo, a par dos E.U.A. e do Japão. O que aconteceu aqui vai acontecer noutros países, como a Índia ou a Rússia. Esta situação é, certamente, preocupante. “(...)o grande teste à nossa geração será se iremos ou não deixar às próximas gerações este planeta em tão boas ou melhores condições do que quando o encontramos. O processo que está a tornar o mundo plano vai desafiar essa responsabilidade.” Está nas mãos de cada país, governo e de cada um de nós enquanto cidadãos de um mundo (quase) totalmente plano torná-lo um sítio mais geo-verde.

O capítulo seguinte, Globalização do que é Local, começa por despoletar uma questão que passou pela cabeça de todos os cidadãos aquando do início do fenómeno da globalização. Esta questão é, claro, se globalização não significaria antes “americanização”. De facto, se pensarmos bem, os americanos foram os primeiros a tirar partido da queda do Muro de Berlim, invadindo o mundo com música, filmes, comida, etc., provenientes do seu país. Isto levou a que surgissem muitos movimentos antiglobalização, ou mesmo, antiamericanos. O autor desmistifica este assunto chamando a atenção para outro – a globalização no mundo plano permite, para além da homogeneidade das culturas, um aumento da diversidade, visto que, aqueles que antes não podiam ter acesso à cultura dos outros nem oferecer aos outros a sua, já o podem fazer agora.

Friedman salienta também a importância de não ver a globalização apenas como um fenómeno de expansão económica. Tem também muito que ver com a difusão de novas formas de comunicação e inovação.

A Teoria Dell de Prevenção de Conflitos é o último capítulo integrante desta parte. Esta teoria, introduzida pelo autor quase em tom de brincadeira, defende que se dois países, digamos vizinhos, fizerem parte da cadeia de abastecimento da grande empresa que é a Dell, então não haveria motivos para guerrearem mais entre si – “Porque para quem está envolvido numa grande cadeia global de abastecimento não faz sentido lutar por causas antigas. O objectivo é fazer entregas just-in-time de bens e serviços – e desfrutar do aumento inerente do nível de vida.” Se por acaso estes países “perdessem tempo” em disputas e conflitos, haveria graves consequências a nível das

indústrias e da economia. Como exemplo de países que seguiram esta teoria de prevenção de conflitos temos o Japão, a Coreia, Singapura, e a lista continua com muitos mais nomes. Assim, é fácil compreender o porquê de países como o Iraque, o Afeganistão ou a Coreia do Norte não fazerem parte desta lista – a instabilidade económica, política e militar é demasiado forte para que uma grande empresa internacional como a Dell arrisque em apostar lá. Esta teoria, claro, não pode ser tida em conta como uma verdade universal, tal como Friedman vem explicar. O autor não pensa, obviamente, que a sua teoria acabe de vez com os conflitos entre países, apenas faz com que as decisões sejam tomadas com muito mais calma e sem serem precipitadas, já que as consequências seriam bem mais elevadas do que antigamente.

O autor dá um exemplo de uma ameaça de um ataque nuclear do Paquistão em território indiano que quase custou a vida a muitas das maiores empresas a nível global. Num mundo plano este cenário é a maior catástrofe possível. Se perdesse tempo, recursos e empresas, a Índia estava a sacrificar aquilo que tinha conseguido atingir com a abertura de mercado e economia no início da década de 90 do século XXe muito dificilmente viria a conquistá-lo outra vez.

De seguida, T. Friedman introduz um outro conceito, que, segundo ele, nem mesmo a Teoria Dell consegue controlar – as cadeias de abastecimento mutantes. Estas cadeias caracterizam-se por dar uso aos avanços do mundo plano mas de forma negativa. Estas cadeias que Friedman refere são, mais especificamente, a al-Qaeda “Deve ser o problema geopolítico mais perturbador para os países que já vivem num mundo plano e que se querem focalizar no futuro. (...) Estas cadeias de abastecimento mutantes são criadas com o objectivo de destruir, não de produzir riqueza.”

É um facto que este perigo está cada vez mais perto das nossas portas. Não só todos aqueles que seguem comportamentos extremistas e radicais, quer sejam muçulmanos, islamistas, ou de outros grupos, têm acesso a tudo aquilo que os países do mundo plano têm, como a globalização quebrou barreiras e fez com que os “terroristas” pudessem ser os nossos novos vizinhos ou colegas de escola. O facto é que “O mundo plano tem sido um impulso para a al-Qaeda e outros do género devido à forma como possibilita que os pequenos <ajam em grande>, e pela forma como permite que pequenas acções – a morte de apenas algumas pessoas – tenham grandes efeitos.”

No fundo, Thomas Friedman quer alertar-nos para não desprezarmos estes países que não fazem parte do mundo plano. Apesar de não serem bons locais para as grandes empresas mundiais estabelecerem os seus negócios, são países que já têm acesso à Internet e a muitos outros avanços do mundo plano, o que os transforma em ameaças reais. Para o autor, já que é impossível acabar com o acesso à Internet nessas zonas, a solução passaria por acabar de vez com as ameaças nucleares, ou seja, acabar com o fornecimento, mesmo de fósseis, que levem à construção de armas nucleares.

A humanidade deve trabalhar em conjunto e cooperação a fim de promover o bom uso de tudo o que a globalização e o mundo plano nos oferecem.

Parte V – Ideias

1. O mundo ainda não é totalmente plano.
2. As doenças, como o vírus da SIDA ou a malária, e a corrupção e má gestão dos líderes são os principais causadores desta situação.
3. A frustração e humilhação sofridas são as duas principais causas para o terrorismo emergente nos países não planos ou meio planos.
4. As cadeias de abastecimento mutantes são as principais ameaças ao mundo plano.
5. A cooperação entre países é a forma de dar o melhor uso e tirar o maior proveito, a nível positivo, do mundo plano

Parte VI

Conclusão: Imaginação

A última parte da obra aqui em estudo é constituída apenas por um capítulo. Thomas Friedman apresenta-nos um capítulo no qual começa por dissertar sobre duas datas que moldaram a vida do mundo inteiro nas últimas décadas: o 9/11 (Queda do Muro de Berlim 1989) e o 11/9 (ataque terrorista contra as torres do WTC 2001). Friedman liga ambos os momentos ao papel da imaginação, embora cada um deles tivesse seguido uma vertente diferente. Isto é, se em 1989, os seres humanos de Leste sonhavam em fazer parte de um mundo novo, imaginando o que estaria por detrás daquela Cortina de Ferro, que separava o Ocidente do Oriente, os terroristas, por seu lado, imaginavam como se iria sentir o governo americano se visse um dos mais emblemáticos edifícios da cidade “que nunca dorme” ruir, com milhares de inocentes lá dentro. O autor, seguindo a perspectiva do cidadão americano que é, demonstra-nos a antagonismo que estes acontecimentos provocaram: o 9/11 fez com que os Estados Unidos se tornassem a única grande potência, fez com que fossem vistos, como o tinham já sido, como o paraíso dos sonhos, fez com que as portas americanas estivessem mais abertas do que nunca para receber os cidadãos que até então tinham vivido reprimidos por um muro demasiado alto para que conseguissem ter um breve vislumbre do novo mundo. O 11/09/2001 acabou com o “oásis americano”. O encerrar das portas foi uma consequência necessária provocada por estes ataques. A questão que se deve relevar é que o facto de o mundo se ter tornado plano, e isto já foi referido várias vezes ao longo de toda esta crítica, fez com que as informações, boas ou más, chegassem tão rápida e eficazmente a todos os indivíduos, bons ou maus.

Friedman pretende, neste capítulo, expor-nos como aplicar a nossa imaginação apenas a cenários positivos. Para justificar o seu argumento, Thomas Friedman dá um exemplo muito concreto que será aqui resumido para que os leitores o compreendam. Em 1999, um americano chamado David Neeleman concretizou um sonho antigo e fundou a companhia aérea Jet Blue. Depois de todos os procedimentos, compras e gastos necessários, esta seria uma das empresas aéreas mais rentáveis dos Estados Unidos na qual o seu criador abdicaria de parte do seu salário para contribuir para um fundo de apoio à saúde dos seus colaboradores e respectivas famílias. No mesmo ano, Bin Laden abraçava um projeto de um paquistanês, após angariar fundos, conhecimento e material necessário, planeou, juntamente com os membros da al-Qaeda e desse engenheiro mecânico oriundo do Paquistão, o ataque certo às torres americanas do World Trade Center. Estes dois casos mostram-nos como a imaginação de duas pessoas pode servir dois fins completamente diferentes

“(…) existem duas formas de tornar o mundo plano. Uma delas é usarmos a nossa imaginação para conseguirmos elevar todas as pessoas ao mesmo

nível e a outra é usarmos a nossa imaginação para conseguirmos reduzir todas as pessoas ao mesmo nível.”

O que aconteceu naquele fatídico 11 de setembro mudou o mundo, ninguém o pode negar. O medo, a desconfiança e, até arrisco sem querer ferir suscetibilidades, um certo sentimento racista para com o povo árabe atacaram, por completo, a população mundial. Ao imaginarmos que podia ser qualquer um de nós a estar a bordo daquele avião ou de um próximo que seja também tomado por um terrorista suicida, que segue à risca o Corão e que ouve Bin-Laden ou qualquer outro líder semelhante, receamos que possamos ser os próximos a perder a vida contra uma outra torre ou edifício de poder. No entanto, e tal como o autor defende, “(...) a alternativa a não irmos naquele avião é refugiarmo-nos na nossa própria gruta. A imaginação não pode ficar apenas presa àquilo que temos na memória.” Segundo Friedman, o que deve mover as empresas e os seres humanos são os sonhos e não as memórias. De uma forma extremamente patriota, o autor apela aos americanos, povo e principalmente governo, que não se deixem intimidar perante uma data catastrófica. Apela a que se lembrem antes que “os Estados Unidos têm a ver com o 4 de Julho 88 e com o 9/11.”

De seguida, o jornalista explica de onde surge a imaginação: “(...) das narrativas com que se alimentam as pessoas...A outra força é o contexto no qual as pessoas crescem”. Para se justificar, dá um exemplo representativo para cada uma das origens. Primeiro, fala da empresa eBay e de como um site de leilões passou a uma empresa quase “Estado” que se governa e trata cada pessoa como um ser igual, quer seja um político, um administrador de uma multinacional ou um varredor de rua. Seguidamente, e para justificar a segunda origem, fala do país com a segunda maior taxa de cidadãos muçulmanos –a Índia. Aqui explica como o contexto em que o país vive faz com que, por exemplo, não se tenha ouvido falar de muçulmanos indianos nos ataques terroristas do 11 de setembro. “Contexto diferente, narrativa diferente, imaginação diferente.”

Para terminar, Friedman ressalta o papel da religião nestas situações. Segundo ele, quanto mais a religião estiver presente numa região, de forma radical, vincada e sombria, mais perigosos serão os resultados da imaginação dos indivíduos oriundos dessa região.

“As pessoas que estão ligadas ao mundo e expostas a diferentes culturas e perspectivas são as mais capazes de desenvolver a imaginação do <9/11>. As pessoas que se sentem desligadas e para quem a liberdade e a satisfação pessoal são uma fantasia utópica são as mais capazes de desenvolver a imaginação do <11/9>.”

Parte VI – Ideias

1. A imaginação é fundamental para a sobrevivência num mundo plano.
2. Devemos usar a imaginação apenas para construir cenários positivos.
3. A imaginação vem das narrativas que alimentam as pessoas e do contexto em que estas crescem.
4. O papel da religião no seio de uma região pode afetar o modo como os seres humanos dessa mesma região dão uso à sua imaginação

Impacto

O Mundo é Plano –Uma História Breve do Século XXI, de Thomas Friedman é uma obra que se caracteriza por abordar uma perspectiva não só histórica, como também política e económica do mundo moderno. Não só apresenta factos do século XXI, mas também de todos os acontecimentos de séculos antecedentes que deram origem ao mundo (plano) como o conhecemos.

Tendo em conta que Friedman é jornalista, torna-se fácil compreender a sua escrita e linguagem, sendo que os inúmeros exemplos que o autor dá facilitam ainda mais essa tarefa. A sua leitura é recomendada a todos já que nos dá uma perspectiva totalmente diferente sobre globalização.

Como foi já referido no ponto Introdução desta crítica, Thomas L. Friedman conta com vários prémios na sua carreira. Este livro, especificamente, é um exemplo do sucesso do jornalista, tendo sido considerado um bestseller.

Assim, compreende-se que seja um livro bastante apreciado pela crítica.“

A leitura de mais um livro de Thomas L. Friedman é, em si mesmo, um acto fascinante. O Mundo é Plano pode ser lido sob várias perspectivas; a minha primeiraleitura foi rápida (foi-me difícil suspender a leitura sempre que tive de o fazer) e focalizada nas implicações que os factos descritos e as ideias expressas têm sobre a estratégia de empresas que actuem em mercados abertos e competitivos. Trata-se de um livro de leitura obrigatória para todos os gestores que sabem, por experiência vivida, que o mundo em que as suas empresas operam é cada vez mais pequeno, menos diferenciado e mais interligado.”

Principais Conclusões

Esta edição da obra de Thomas Friedman foi publicada em 2006. Apesar de nos mostrar como é o mundo e quais as previsões que podemos ter para o futuro, Friedman não podia adivinhar aquilo que vivemos atualmente. Parece que, segundo ele, as instituições monetárias internacionais não iriam ter tanta influência nas nossas vidas. Na Europa, em 2012, lamentamos que Friedman não tenha tido razão.

É fantástica a forma como Friedman nos envolve ao longo de toda a sua obra. Num livro extremamente cativante pelo seu todo, o autor leva-nos ao passado, mostra-nos o presente e alerta-nos para o futuro. Embora muitas vezes o faça sob uma perspetiva “demasiado americana”, não deixa de ser uma leitura estimulante para qualquer cidadão deste bairro que é o mundo plano.

Se quer compreender o local onde vive e o porquê de ele ser como é, atualmente, então, O Mundo é Plano –Uma História Breve do Século XXI, de Thomas Friedman, é o livro que deve ter na sua cabeceira.

Bibliografia

FRIEDMAN, L. Thomas—O Mundo é Plano –Uma História Breve do Século XXI.
Portugal: Actual Editora. 2006.

Los Angeles Times, 9 de maio de 2004.

Bíblia Sagrada. Antigo Testamento. Génesis. Versão dos textos originais. 9ª
Edição.

Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos). Lisboa: 1981

Webgrafia

http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Dalian_in_China.png

<http://pt.scribd.com/doc/58724569/76/A-HISTORIA-DA-JIHAD-AFEGA>

<http://pt.scribd.com/doc/58724569/77/Definicao-de-Jihad><http://>

www.thomasfriedman.com<http://>

www.wook.pt/ficha/o-mundo-e-plano/a/id/173647

INOVA CONSULTING

conteúdos

Estudos e Relatórios de Pesquisa:

futuro, prospectiva e foresight
drivers & megatendências
tendências comportamentais
tendências de negócio
tendências setoriais
insights de negócio

Conteúdos Acadêmicos e

Empresariais

Futuro, Tendências, Inovação:

artigos
papers
apresentações
livros
críticas literárias
research notes

consultoria

Futuro e Tendências

futuro, prospectiva e foresight aplicado à estratégia de negócio
previsões e timelines
tradução e aplicação de tendências no negócio
gestão por cenários e mapeamento de realidades futuras
trend maps & visão 2020

Inovação

mindset inovador
criação, construção e disseminação corporativa de programas de cultura e gestão da inovação
inovação estratégica, modelos e projetos de inovação
empreendedorismo corporativo
design thinking aplicado à gestão
criatividade e ideation
geração de insights

educação – INOVA BUSINESS SCHOOL

MBA Executivo e Pós-MBA

trendsinnovation
design thinking
storytelling
criatividade e ideation
empreendedorismo
branding
negócios digitais e mídias sociais

Palestras

futuro: visão 2050
design thinking action lab
criatividade e estímulo criativo
tendências e insights para negócios
storytelling
ferramentas e metodologias para conhecer o futuro e as tendências

Programas In Company

observatório de tendências
branding
storytelling
empreendedorismo corporativo
inovação estratégica
criatividade e design thinking
audit e desenvolvimento de competências de inovação

Master

pesquisa de tendências e gestão da inovação

contato@inovaconsulting.com.br

www.inovaconsulting.com.br



INOVA
CONSULTING



contato@inovaconsulting.com.br
www.inovaconsulting.com.br

